

6ª TEMPORADA DE MÚSICA DA PARQUES DE SINTRA
6th PARQUES DE SINTRA MUSIC SEASON

Noites de Queluz

Nights at Queluz

TEMPESTADE E GALANTERIE
TEMPEST AND GALANTERIE

DOM QUIXOTE NO CASAMENTO DE COMACHO

Palácio Nacional de Queluz

Sala do Trono

25 Out 2020 » 19:00

25/10 Sala do Trono | 19:00

Dom Quixote no Casamento de Comacho

ANDRÉ HENRIQUES || Barítono

CHRISTIAN LUJAN || Baixo

MARIO MANIATOPOULOS || Tenor

MARIANA CASTELLO-BRANCO || Soprano

DIVINO SOSPIRO

ISKRENA YORDANOVA || Violino

RAQUEL CRAVINO || Violino

CÉSAR NOGUEIRA || Violino

LUCIANA CRUZ || Violino

NUNO MENDES || Violeta

ANA RAQUEL PINHEIRO || Violoncelo

PEDRO WALLENSTEIN || Contrabaixo

JOSÉ CARLOS ARAÚJO || Cravo

RICHARD BUCKLEY || Caixa e Tímpanos

MASSIMO MAZZEO || Violeta e Direção

LÍGIA ROQUE || Narrador

ANA RAQUEL PINHEIRO || Conceção e Guião

Georg Philipp Telemann (1681 - 1767)

- Dom Quixote no Casamento de Comacho

Ária Ein wahrer Held eilt schon ins Feld

Ária Kleinmütiger, hör' auf zu Klagen!

Ária Hat mich der große Menschenfresser

Coro Die schönste Schäferin beglückt den reichsten Hierten dieser Flur

Ária Mein Esel ist das beste Tier

Ária Kein Schlaf besucht die starren Augenlider

Coro Die schönste Schäferin beglückt den reichsten Hierten dieser Flur

Ária Nun bist du mein

Ária Behalte nur dein Gold

Coro Die Klugheit ist vom günstigen Geschehnisse das Kostbarste Geschenk

AVENTURAS DO QUIXOTE EM HAMBURGO

A recepção do romance picaresco de Cervantes¹ nos países alemães dá-se, primeiro, por via das traduções para francês e para inglês². Uma tradução parcial³ para alemão estava pronta em 1621, mas os eventos e a ulterior devastação causada na Europa central pela Guerra dos Trinta Anos (1618-48) fez que a publicação tardasse até 1648. Essa versão seria reeditada em 1669, antes de aparecer outra, em 1683, baseada numa nova tradução francesa de 1677-78.

Mas, na verdade, as elites alemãs dos séculos XVII e XVIII conheciam bem a história, antes de mais, pelas várias traduções francesas, língua que dominavam bem.

O potencial do romance (e dos episódios nela contidos/contados) para o teatro musical cedo foi adivinhado. No caso dos palcos líricos alemães, a “chegada” do Quixote dá-se em 1690, data da estreia, em Hamburgo, da comédia musical *Der irrende Ritter Don Quixote de la Mancia*, de Johann Philipp Förtsch. Depois disso, foram-se sucedendo versões de temática quixotesca nos teatros do espaço germanófono, contando-se pelo menos mais seis até chegarmos à obra hoje em programa, que estreou em Hamburgo, a 5 de Novembro de 1761.

Quando, portanto, Telemann toma contacto com o libreto preparado pelo jovem universitário Schiebeler, também estudante da língua e literatura castelhanas, ele tem já atrás de si uma rica tradição de versões da história para o teatro musical. Tem até mesmo a sua própria tradição: algures entre 1726 e 1730 (quicá mais cedo, segundo outros), Telemann compusera a *Ouverture-Suite Burlesque de Quichotte*, para cordas e contínuo, que faz suceder a uma Abertura sete andamentos relatando outros tantos episódios do Quixote; e, em 1727, estreara em Hamburgo o seu Singspiel de título *Sancio, oder Die Siegende Grossmuth*⁴, cuja música

¹ ‘Dom Quixote’ foi editado em 1605 (Parte I) e 1615 (Parte II).

² A tradução integral do ‘Quixote’ para inglês e francês aparece entre 1612 e 1620, seguindo-se a italiana, em 1622.

³ Essa tradução, da autoria de Joachim Caesar (cujo nome surge sob o pseudónimo de Bastel von der Sohle) abrange apenas até ao início do capítulo XXIII da parte I do texto original. Considerando que essa parte tem 52 capítulos e a 2.ª parte 74, estamos a falar de cerca de 1/6, apenas, do texto integral.

⁴ Em português: ‘Sancho, ou a magnanimidade triunfante’

se perdeu, excepto a de 3 árias, que aparecem no seu magazine didáctico *Der getreue Music-Meister* (ed. 1728-29). Mas que Telemann, aos 80 anos, se tenha sentido motivado para nova ópera (seria a sua última) e – mais – que tenha conseguido inscrever na música uma verve e um humor que ‘pedem meças’ ao texto de Schiebeler, isso sim é absolutamente notável! O episódio retratado nesta serenata provém da parte II da obra de Cervantes, concretamente dos capítulos 20 e 21. Em termos de estrutura, Telemann organizou a obra num acto único, com um total de 26 números distribuídos por 5 cenas.

Em termos de forma, predomina a ária e o recitativo, apenas com um dueto (final da cena 2) e dois números de conjunto (início da cena 2 e final da serenata).

Em termos textuais, Telemann modificou com grande minúcia o libreto (estrutura e métrica) que recebeu de Schiebeler, de modo a que se adequasse à progressão narrativa e à música que tinha em mente para a obra. Musicalmente, Telemann estabelece um contraste entre a música para Quixote e Sancho, por um lado, e para os restantes personagens (estes, pertencentes ao universo aldeão ou pastoril), por outro. Quixote e Sancho assumem ar algo emproado, mas com propósito paródico.

As suas árias lembram as da capo da ópera seria italiana e os seus diálogos são em *stile recitativo*. Já as pessoas simples são representadas por melodias simples de recorte popular-tradicional. Essa representação inclui até, por exemplo nas canções pastoris, o uso de ritmos e técnicas instrumentais sinalizadoras da música espanhola (chacona, jota aragonesa), a partir das descrições fornecidas pelo próprio Cervantes na obra original, mas sempre dentro do reconhecível estilo telemanniano. Após as récitas de estreia, a serenata terá ficado esquecida até 17/8/2001, data em que se deu a estreia moderna, em Basileia, numa produção do ensemble Il Teatro Amorofo (desde 2003, Teatro Arcimboldo), sob a direcção de Thilo Hirsch. Ela seria levada ao Festival Telemann de Magdeburgo (cidade natal do compositor) sete meses depois.

A apresentação parcial que ora se faz em Queluz marca a estreia da obra em Portugal.

TEXTOS CANTADOS

Ária Ein wahrer Held eilt schon ins Feld

Dom Quixote:

Ein wahrer Held
Eilt schon ins Feld,
Wenn sich der Weichling noch auf
Schwanenfedern wiegt.
Er streicht durch Wälder und durch Wiesen,
Bestreitet Löwen, Kämpft mit Riesen
Und bleibt stets unbesiegt.

Um verdadeiro herói
já corre os campos,
quando os fracotes ainda repousam sobre
penas de cisne.
Ele anda por florestas, por planuras,
enfrenta leões, luta com gigantes
e no fim sai sempre vencedor.

Ária Kleinmütiger, hör' auf zu Klagen!

Dom Quixote:

Kleinmütiger, hör' auf zu klagen!
Muß ich nicht so, wie du, des
Schicksals Haß ertragen?
Verfolgt mich nicht der Zaubrer Neid?
Nichts dämpft meinen Mut,
Kein Schweiß, kein strömend Blut.
Ich trotze das Geschick, ich lache
seiner Schläge.
Mich führen diese rauen Wege
Zum Tempel der Unsterblichkeit.

Vil criatura, pára de choramingar!
Será que não tenho, tal como tu, de suportar
as adversidades do destino?
Não me persegue a inveja dos feiticeiros?
Nada limita a minha coragem:
Nem suor, nem sangue a correr.
Eu enfrento o destino e rio-me dos seus
golpes.
Estes caminhos agrestes conduzem-me
ao templo da imortalidade.

Ária Hat mich der große Menschenfresser

Sancho:

Hat mich der große Menschenfresser
Einmal in seinen Bauch begraben,
So frag' ich viel darnach, ob ich
unsterblich bin.
Bei der Nachwelt noch zu leben,
Mag sich, wer da will, bestreben:
Ich, ich halts mit diesem Leben.
Ein Nimminhin
Ist, meiner Meinung nach, viel besser,
Als zwei Du sollst haben.
Ja, ja! dies bleibt mein fester Sinn!

Quando o grande comedor de homens (a Morte)
me tiver no fundo da barriga,
nessa altura me questionarei
se imortal sempre serei.
No mundo que se segue a este viver ainda,
ocupe-se com isso quem bem quiser!
A mim chega-me bem esta vida.
Um "leva isto já"
é muito melhor a meu ver
do que dois "hás-de ter".
Oh, sim, e ninguém me convence do contrário!

Coro Die schönste Schäferin beglückt den reichsten Hirten dieser Flur

Coro dos pastores:

Die schönste Schäferin beglückt
Den reichsten Hirten dieser Flur.
Wie hast du, gütige Natur,
Sie mit so vielem Reiz geschmückt!
Heute verläßt der frohe Schäfer die Herde,
Singet und drückt mit mutigen
Sprünge die Erde,
Und Freude lacht, wohin man blickt.

A mais bela pastorinha
faz a felicidade do mais próspero
pastor destas paragens.
Com que abundância de encantos,
ó Natureza, a adornaste toda!
Hoje todos os pastores deixam os rebanhos
e cantam e cobrem a terra de danças e
cabriolas,
e onde quer que olhemos, sorri de satisfação
a alegria.

Ária Mein Esel ist das beste Tier

Sancho:

Mein Esel ist das beste Tier,
So, wie mein Weib das schlechteste auf
der Erde.
Die Närrin saget mir
Gerad' ins Angesicht:
Sie will es nicht,
Daß ihre Tochter Gräfin werde.
Wenn sie dann Gift und Galle speit
Und nur mein Grauer drunter schreit,
So spür' ich Mut zum Streit
Und zeige mich ihr
Mit männlicher Gebärde.

O meu burro é o melhor dos animais,
tanto como a minha mulher é o pior
que a terra pisa.
Dizia aquela toleirona
na minha cara:
que não queria
ver a filha condessa!
Quando depois se põe a dizer raios e coriscos,
e só o meu cinzento lhe responde com zurros
então vem-me o ânimo para a batalha
e ponho-me diante dela
com modos viris.

Ária Kein Schlaf besucht die starren Augenlider

Grisóstomo:

Kein Schlaf besucht die starren Augenlider,
Verzweiflungsvoll wirft sich der Schäfer
nieder,
Dem Tode nah.
In der Wälder Nacht begraben,
Krächzt er mit den wilden Raben
Und ruft: Quiteria!
Erschrocken ruft der Nachhall wieder:
Quiteria!

Não há sono que cerre aquelas pálpebras;
desesperado, entrega-se o pastor à
prostração
e deseja a morte.
Na mais sombria floresta refugiado,
junta o seu grito ao corvo que crocita
e clama: Quitéria!
E o eco responde, apavorado:
Quitéria!

Coro Die schönste Schäferin beglückt den reichsten Hirten dieser Flur

Coro dos pastores:

Die schönste Schäferin beglückt
Den reichsten Hirten dieser Flur.
Wie hast du, gütige Natur,
Sie mit so vielem Reiz geschmückt!
Heute verläßt der frohe Schäfer
die Herde,
Singet und drückt mit mutigen
Sprüngen die Erde,
Und Freude lacht, wohin man blickt.

A mais bela pastorinha
faz a felicidade do mais próspero
pastor destas paragens.
Com que abundância de encantos,
ó Natureza, a adornaste toda!
Hoje todos os pastores deixam os rebanhos
e cantam e cobrem a terra de danças e cabriolas,
e onde quer que olhemos, sorri de
satisfação a alegria.

Ária Nun bist du mein

Basílio:

Nun bist du mein.
Ich kann mich deinen Gatten nennen,
Und Glück für mich, ich werd' es können,
Wenn uns die Gräber wirklich trennen;
Denn dieser nahe Tod war Kunst, war
nur zum Schein.

Agora és minha.
E eu posso declarar-me teu noivo
– e sorte a minha podê-lo de facto
até que a morte nos separe;
pois a minha morte iminente foi teatro,
foi só para enganar.

Ária Behalte nur dein Gold

Quitéria:

Behalte nur dein Gold.
Der Schäfer ist mir vom Geschick erkoren,
Ich bin für ihn, er ist für mich geboren,
Ich war ihm längstens hold.

Fica lá com o teu pilim.
Deu-me o destino este pastor,
eu nasci para ele e ele para mim,
há muito que lhe tenho amor.

Coro Die Klugheit ist vom günstigen Geschieke das Kostbarste Geschenk

Quitéria:

Die Klugheit ist vom günstigen Geschieke
Das kostbarste Geschenk.

A astúcia é de uma sorte auspiciosa
a dádiva mais valiosa.

Basílio:

Sie ist der Weg zum Glücke.

Ela nos conduz à felicidade.

Quitéria:

Das Leben ohne sie ist ein verwirrter
Traum.

Sem ela, a vida é um sonho enevoadado.

Dom Quixote:

Durch Klugheit kann ein Zwerg den
größten Riesen
Zwingen,
Mit ihr durchstreift ein Held der
Erde weiten Raum.

Sancho:

Mit ihr erhasch' ich einst, trotz aller
Zauberer Schlingen,
Die schönste Insel beim Saum.

Pela astúcia, pode um anão o maior
gigante derrotar.
Com ela, pode o herói os confins
da terra alcançar.

Com ela irei eu um dia,
contra poções e feitiçaria,
a mais bela ilha fisgar.



LÍGIA ROQUE || narradora

Atriz, encenadora e professora de teatro. Estreou-se no Teatro Universitário em 1985, estagiou no Conservatório Nacional de Arte Dramática de Paris e profissionalizou-se em 1992. Desde aí tem atuado regularmente, destacando-se o seu vasto trabalho no Teatro Nacional de São João (TNSJ), no Porto.

Ultimamente protagonizou *Morte de um Caixeiro Viajante* de Arthur Miller e *Quarteto* de Heiner Muller (enc. Carlos Pimenta), *Neva* de Guillermo Calderón (enc. João Reis) e *As Ondas* a partir de Virginia Wolf (enc. Sara Carinhas). No cinema destaca-se *Marias da Sé* de Filipe Martins, *O Lugar que Ocupas* de Luís Filipe Marques e *Corte do Norte* de João Botelho. Na televisão tem participado em várias séries e novelas como atriz e também diretora de atores.

Na área da música, participou em *A Bela Magdelone* de Johannes Brahms com o soprano Christian Hilz e a pianista Tatiana Korsunskaya nos Serões Musicais no Palácio da Pena e como cantora em musicais no TNSJ, no concerto *O Fado e a Poesia* com John Havela, produzido para Winnipeg e Sheffield, e em *Mary Through the Looking Glass*, cd em coautoria com a poeta Geraldine Monk.

Das suas encenações recentes destacam-se *Em Verdade* de Daniela Vieitas no Fuckin'Globo/Luanda, *Assim que Passarem Cinco Anos* de Lorca no THSC e *Cinco Formas de Morrer de Amor* de Catarina Molder no TNSJ.

Como professora, tem lecionado regularmente a disciplina de Interpretação no ensino Superior, nomeadamente na Escola Superior Artística do Porto, Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo e Escola Superior de Teatro e Cinema.



ANDRÉ HENRIQUES || barítono

André Henriques nasceu em Lisboa e formou-se em canto pela Escola de Música do Conservatório Nacional, na classe de António Wagner Diniz. Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, completou o MA em Opera Performance, na Royal Welsh College of Music and Drama, com Donald Maxwell. Participou em masterclasses com Pierre Mak, John Fisher, Susan Bullock, Kathryn Harries, Anne Schwanewilms, Lucia Mazzaria, David Santos e João Paulo Santos. Tendo vindo a afirmar-se no domínio da Ópera, destacam-se as suas interpretações de Don Giovanni (*Don Giovanni*) e Figaro (*As Bodas de Figaro*) com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, Polyphemus (*Acis and Galatea*) e Gregorio (*Romeo et Juliette*) na F.C.Gulbenkian, Dandini (*La Cenerentola*) e Papageno (*Die Zauberflöte*) com a Royal Welsh College of Music and Drama (RWCMD), Gianni Schicchi (*Gianni Schicchi*) com a Welsh National Opera Orchestra, Dulcamara (*L'Elisir d'Amore*) com a all'Opera, os papéis de baixo-barítono de Fairy Queen com La Paix du Parnasse, Aeneas (*Dido and Aeneas*) com a Nova Ópera de Lisboa e a estreia absoluta do Macaco n'A Canção do Bandido, co-produção do Teatro da Trindade e Teatro Nacional de São Carlos. Como solista de concerto e oratória, cantou as partes de baixo-barítono das *Liebeslieder Walzer* de Brahms, *Ein höher tag de Homilius*, *Jephte* de Carissimi, *Te Deum* de Charpentier, excertos de *Manfred*, de Schumann, *Messiah*, de Handel, a Paixão Seg. São João, de J. S. Bach, Missa de João Domingos Bomtempo, 9ª Sinfonia de Beethoven (Orquestra Metropolitana de Lisboa, Teatro Nacional de São Carlos e Fundação Calouste Gulbenkian), *Stabat Mater* de Rossini, *Stabat Mater* de Szymanowski (no St. David's Hall), *Missa Solemnis* de Beethoven (Festival de Música Religiosa de Cuenca), *Requiem* de Mozart, os *Magnificat* de J.S.Bach e C.P.E.Bach (OML) e *Die Schöpfung* de Haydn (F.C.Gulbenkian).



CHRISTIAN LUJÁN || baixo

Christian Luján iniciou os seus estudos no Instituto das Belas Artes de Medellín, Colômbia. Frequentou o curso de musicologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e de canto no Conservatório Nacional, onde estudou com Manuela de Sá. Prosseguiu os seus estudos no Flanders Opera Studio, na Bélgica, sob a direção de Ronny Lawers e na International Opera Academy sob a direção de Guy Joosten. Representou a personagem Albert, da ópera *Werther* de Jules Massenet (Teatro Verdi di Trieste); Lorenzo, da ópera *I Capuleti e I Montecchi*, de Bellini (Teatro Nacional de São Carlos), Leporello, da ópera *D. Giovanni*, de W.A.Mozart (Alden Biesen Zomeropera); Guglielmo, da ópera *Così fan tutte*, de W.A.Mozart (Teatro São Luiz); Um Deus Infernal, da ópera *Alceste*, Gluck (TNSC); Dottor Grenvil, da ópera *La Traviata* de G.Verdi (Brussels Philharmonic); Le Geôlier, da ópera *Les Dialogues des Carmélites* de F.Poulenc (TNSC); Varsonofjev, da ópera *Khovanshtchina* de M. Moesorgski (Vlaamse Opera); Charles Edward, da opereta *Candide* de L.Bernstein (TNSC); Papageno, da ópera *Die Zauberflöt* de W. A. Mozart; K. Maurício, da obra *A Morte do Palhaço* de José Mário Branco e João Brites (Teatro São João); Pinellino, da ópera *Gianni Schicchi* de G.Puccini (TNSC); o papel de pai na ópera *Romy Schneider* de Joris Blanckaert; Lodovico e Montano na ópera *Otello* de G.Verdi (Vlaamse Opera); os papéis de coelho e príncipe no espetáculo *Cinderela* (Vlaamse Opera) ; Vermummte Herr e Otto, na peça *Frühlings Erwachen* de Frank Wedekind (Flagey e Vlaamse Opera); Publio na ópera *La Clemenza di Tito* de W.A. Mozart (CCB); Colas na peça *Bastien und Bastienne* de W.A.Mozart; e Junius Brutus na ópera *The Rape of Lucretia* de Benjamin Britten (TNSC e Teatro Nacional São João), entre outros.



MARIOS MANIATOPOULOS || tenor

Marios Maniopoulos, natural de Aigio, Grécia, iniciou os seus estudos no canto lírico com Georgios Misailidis.

Durante o ano letivo 2014/2015, fez parte da Escola de Drama do Teatro Municipal de Patras e entre 2015 e 2018 foi membro do Estúdio de Ópera do mesmo teatro. Trabalhou sob a direção de Michael Seibel e Eleni Liona. Estreou-se como 1º marinheiro na ópera *Dido and Aeneas* de Purcell, na temporada 2015/2016. Apresentou-se várias vezes, como solista, com a orquestra sinfónica da Universidade Aberta Helénica, sob a direção do maestro Georgios Galanis.

Na temporada 2016/2017, foi Orpheus, na ópera *Orpheus*, de Gluck, e em 2017/2018, Pedrillo, em *Die Entführung aus dem Serail*, de Mozart. Trabalhou com: Wiebke Göetjes, Frank Van Aken, Vassilis Lazaris, Faidra Giannelou, Harrison Birtwistle, Mário João Alves, Cristóvão Luiz, Maestro José Eduardo Gomes, entre outros.

Em junho de 2018 mudou-se para Portugal, continuando os seus estudos vocais com as sopranos Elisabete Matos e Dora Rodrigues, tanto no MIVS (Guimarães), como na ESART (Castelo Branco), onde frequenta atualmente a licenciatura em Canto. Os seus mais recentes trabalhos incluem: tenor solista no *Requiem* de Mozart, no FIMRG (Guimarães), com direção de Vítor Matos, e na ilha de São Miguel (Açores), com a Sinfonietta de Ponta Delgada. Foi ainda 1º marinheiro, novamente em *Dido and Aeneas*, com a Nova Ópera de Lisboa em julho de 2019.

Em janeiro de 2020 apresentou-se como tenor solista na Fantasia Coral de Beethoven, com a orquestra de Guimarães e ainda a solo num recital com o pianista João Lima.



MARIANA CASTELLO-BRANCO || soprano

Mariana Castello-Branco, soprano, estudou canto no conservatório com Manuela de Sá. Continuou a sua formação no Flanders Opera Studio sob a direção de Ronny Lauwers. Aquando da sua formação trabalhou com maestros como Pietro Rizzo e Yannis Pouspourikas, cantores como Sir Thomas Allen, Jill Feldman e Susan Waters e pianistas como Malcolm Martineau.

As suas performances incluem papéis como Belinda em *Dido and Aeneas*, de H.Purcell, na Nova ópera de Lisboa; o papel de segunda sobrinha em *Peter Grimes*, de B. Britten, no Teatro Nacional de São Carlos TNSC; Pamina em *Die Zauberflöte*, de W.A.Mozart, no Flanders Opera Studio); Diane em *Actéon*, de M.A.Charpentier, no Flanders Opera Studio; Serpina em *La serva padrona*, de G.B.Pergolesi, no Teatro da Trindade; O papel de princesa em *L'enfant et les sortilèges*, de M. Ravel, no TNSC; Servilia em *La Clemenza di Tito*, de W.A.Mozart, com a Orquestra Metropolitana); Temide em *Il Natale di Giove*, de J. Cordeiro da Silva, com a Divino Sospirio); Fili em *A Ninfa do Tejo*, de A.Scarlatti, com a Orquestra Metropolitana.

Colabora frequentemente com os ensembles Orquestra Barroca da Casa de Mateus, Scherzi Musicali, Ensemble MPMP e The New Baroque Times, em programas diversos, grupo com o qual participou no festival de música sacra de Madrid (FIAS) por dois anos consecutivos. No TNSC foi solista no *Requiem* de Fauré sob a batuta do maestro Nicolas Chalvin e recentemente participou na peça *Le miroir de Jesus* de André Caplet no Festival de São Roque dirigida por João Paulo Santos e encenada por Luis Miguel Cintra.



DIVINO SOSPIRO

Divino Sospiro é uma orquestra barroca fundada sobre os princípios de qualidade e de rigor na da interpretação, que executa o repertório antigo sem no entanto abdicar do seu próprio instinto criativo. Foi criada com a vontade de despertar um novo gosto estético, uma nova paixão pelo “ouvir”, uma nova reflexão sobre o sentido da música e dos músicos.

Desde a sua fundação, o agrupamento deu uma grande importância ao estudo e investigação da música portuguesa do período setecentista e, em parceria com a Parques de Sintra – Monte da Lua, criou o Centro de Estudos Musicais Setecentistas de Portugal (DS-CEMSP), sediado no Palácio de Queluz, focando o seu trabalho num património verdadeiramente único em Portugal – as “Serenatas do Palácio de Queluz”, considerado um dos mais consistentes projetos nacionais no âmbito da produção musical, quer científica, quer de interpretação.

Apresentou-se nas mais importantes salas de cultura em Portugal, como a Fundação Gulbenkian, CCB e Casa da Música, e no estrangeiro, incluindo digressões na Europa e Japão, colocando-se na vanguarda da divulgação do património cultural português e dos seus intérpretes. A sua discografia inclui Chiaroscuro, 1700-The Century of the Portuguese (2012), Antigono (2014), Passio Iberica (2019).

A Divino Sospiro teve a honra de atuar duas vezes para o Presidente da República portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa, por ocasião da sessão de boas vindas aos Corpos Diplomáticos e nas Celebrações Oficiais do 25 de Abril. A DS-CEMSP, juntamente com a PSML, é hoje membro efetivo da REMA, a mais importante rede na Europa dedicada à música antiga e que hoje reúne membros de 88 Instituições culturais em 21 países europeus.



MASSIMO MAZZEO || direção musical

Formado no Conservatório de Veneza, especializou-se, sucessivamente, em viola-d'arco com Bruno Giuranna e Wolfram Christ, e em música de câmara e quarteto de cordas, com os membros dos célebres Quarteto Italiano e Quarteto Amadeus. De seguida, fez parte de algumas das mais prestigiadas orquestras do panorama musical italiano, dirigidas por ilustres maestros, entre os quais se destacam Leonard Bernstein, Zubin Metha, Carlo Maria Giulini, Yuri Temirkanov, Giuseppe Sinopoli, Georges Prêtre, Lorin Maazel e Valery Gergiev. Massimo Mazzeo já atuou em prestigiadas orquestras de câmara, tais como I Virtuosi di Roma, I Virtuosi di Santa Cecilia e Accademia Strumentale Italiana. Na área da música antiga, depois de ter colaborado com agrupamentos e artistas de grande renome em Itália, formou a orquestra barroca Divino Sospiro, que se afirma como uma das orquestras de referência em Portugal. Com este grupo, já se apresentou em alguns dos principais festivais a nível internacional.

Massimo Mazzeo colaborou com alguns dos solistas mais prestigiados, tais como Karina Gauvin, Giuliano Carmignola, Gemma Bertagnolli, Deborah York, Christophe Coin, Pedro Burmester e Ana Quintans. Dedicou o seu percurso interpretativo à procura de um estilo singular e de um equilíbrio entre uma visão historicamente informada e uma atitude que olha para a essência da música, transcendendo posições preconceituosas. Há vários anos que colabora com as mais importantes entidades artísticas do país, como a Fundação Calouste Gulbenkian, Companhia Nacional de Bailado, Centro Cultural de Belém, entre outros. Massimo Mazzeo tem gravado para as editoras BMG, Erato, Harmonia Mundi France, Deutsche Harmonia Mundi, Nuova Era, Movieplay, Nichion e Dynamic. É diretor artístico e fundador

da orquestra barroca Divino Sospiro. Em 2014, assumiu o cargo de diretor do “Centro de Estudos Musicais Setecentistas de Portugal”, sediado no Palácio Nacional de Queluz, em colaboração com a Parques de Sintra – Monte da Lua, através do qual se tem dedicado a um minucioso programa de recuperação de património (recuperação e edição crítica das Serenatas escritas para Queluz), atividade de programação musical, projetos científicos e pedagógicos. Foi agraciado pelo Presidente da Republica italiana com o título de Cavaliere dell’Ordine della Stella d’Italia pelo trabalho e desenvolvimento das relações artísticas entre Portugal e Itália.

PRÓXIMOS EVENTOS
OUTUBRO '20

30/11 Sala da Música | 21:30
NURIA RIAL (soprano) / ALEXANDER MELNIKOV (pianoforte)
Das emoções de salão à tragédia clássica

31/11 Sala do Trono | 20:45
ROBERTA MAMELI (soprano) / ARIANNA VENDITTELLI (soprano)
FILIPPO MINECCIA (contratenor) / JUAN SANCHO (tenor)
AMERICANTIGA ENSEMBLE
DIVINO SOSPIRO / dir. MASSIMO MAZZEO
dir. musical do coro RICARDO BERNARDES
Scarlatti, agente da ópera italiana em Lisboa

NOVEMBRO '20

06/10 Sala da Música | 21:30
STEFANIA NEONATO (pianoforte)
Clementi, Bomtempo e Beethoven

07/11 Sala do Trono | 21:30
JOSÈ MARIA LO MONACO (meio-soprano)
DIVINO SOSPIRO / dir. MASSIMO MAZZEO
Esplendores sacros do Barroco italiano

13/11 Sala do Trono | 21:30
LILA HAJOSI (meio-soprano)
LE CONCERT DE L'HOSTEL DIEU / dir. FRANCK-EMMANUEL COMTE (cravo)
Medeia: A lendária feiticeira pelos génios musicais de Charpentier e Handel

Podemos questionar-nos sobre qual será a função da arte na sociedade atual. De que serve alongarmo-nos na contemplação da beleza num mundo que procura, cada vez mais, o útil? A resposta vem de dentro do Homem, da necessidade orgânica de usar as suas exigências como um trampolim para a mente. O que nos conduz à História da criação musical é verdadeiramente o resultado de um grandioso volteio do pensamento humano. Olhando para as nossas raízes, para o passado, e, em simultâneo, com os olhos postos na contemporaneidade, a temporada de música de 2020, intercala produções e convidados nacionais e internacionais. O ciclo “Noites de Queluz”, que abre portas no meio de mais uma altura terrível para a sociedade humana, vem propor obras de Stradella, Mozart, Bach, Beethoven, Haydn, Clementi, Bomtempo e Scarlatti – Estas são apenas algumas das peças do caleidoscópio que se desdobra ao longo do período que a temporada vai abraçando. Os intérpretes convidados para este ciclo apresentam-se, uma vez mais, aos nossos olhos – e mais ainda aos nossos ouvidos – como um Olimpo: Andreas Staier, Núria Rial, Andrea de Carlo, Ensemble Mare Nostrum, Concerto Campestre, Divino Sospiro, Roberta Mameli, Rinaldo Alessandrini, Laura Pontecorvo, Lígia Roque, Juan Sancho, José Maria lo Monaco, Le Concert de l’Hostel Dieu, Stefania Neonato constituem um exército iluminado, formado por artistas de uma excelência absoluta, alguns dos quais encontraram, nas últimas décadas, um lugar inalienável no coração e na vida de muitos amantes da música mundial.

Ao mesmo tempo, o nosso estudo e trabalho de investigação continuam, de forma ininterrupta, na recuperação da nossa herança intelectual e na sua identificação histórica e cultural. A Serenata “La contesa delle stagioni”, única sobrevivente das 8 Serenatas para a Corte de D. João V do grande compositor Domenico Scarlatti, foi escrita há 300 anos, por ocasião do aniversário de Maria Ana de Áustria, rainha de Portugal, tendo sido apresentada pela primeira vez no “Palácio Real de Lisboa”, a 7 de setembro de 1720. Esta obra é um dos arquétipos de um género

que em Portugal teve um grande desenvolvimento e que encontrou, no Palácio Nacional de Queluz, o seu lugar de eleição e um valor inestimável. Esta edição da Temporada de Música resulta de um debate frutífero e constante de conhecimentos interdisciplinares e concentra o propósito – espero que bem-sucedido – de conjugar conceção, criatividade e inovação com a devoção à tradição de lugares físicos ou intelectuais e à sua História, através do aprimoramento dos protagonistas do contexto musical de hoje, num constante serviço de respeito à Arte que nos chegou do passado.

A cultura, global e abrangente, é O Homem. Tal como os minerais absorvidos pelas raízes duma planta são eles mesmos A Planta, a matéria que a constitui. Simili modo, a raça humana sem cultura não o é. Na ausência do conhecimento e da cultura, o raciocínio individual fica limitado a uma partilha primitiva. Consequentemente, o contacto e a partilha da cultura devem ser vistos como âncora de salvação para quem caiu na armadilha e na espiral da forma falsa e fácil de viver, que se resume ao ter sucesso, dinheiro, poder sobre os outros, querer alcançar reconhecimento. Sem cultura, o Homem apenas pode reclamar a sua memória, o seu passado e a sua experiência. Contudo, quem vive no fluxo cultural, goza do passado, da experiência da inteira Humanidade e de biliões de indivíduos que protagonizaram toda uma História que, afinal, é a sua. Graças à cultura, muitos jovens apercebem-se da grandeza moral que existe neles próprios. Nestes termos, a minha forma de passar esta mensagem reflete-se na partilha, com orgulho e alegria, da riqueza que encontro no meu percurso, na esperança de que haja mais pessoas, cada vez mais, que aceitem o mesmo desafio. Um músico tem que levar a música ao mundo, um filósofo tem que levar o pensamento às pessoas, concretizando esta missão com coragem e amor. Sim, duas palavras essenciais a partir de agora: coragem e amor.

A música é fundamental para todo o ser humano e jamais poderíamos viver sem ela: o filósofo alemão Friedrich Nietzsche chegou a escrever que a existência privada de música seria um erro. Trata-se de uma linguagem própria da alma, que chega diretamente ao coração das

peças e nos rodeia em todos os lugares e em todos os momentos. Diz-se frequentemente que a arte está ao alcance de todos, mas não é para todos. Eu discordo – acho mais correto dizer que a arte, e principalmente a música, está ao alcance de todos aqueles que desejam desafiar-se a si próprios através dela. A cultura é vida, nutrimento. O único lugar que lhe compete ocupar é o centro da nossa experiência humana, estando disponível a quem pretenda adquirir novos instrumentos de pesquisa sobre o mundo ou uma nova e acrescentada sensibilidade, uma nova percepção, novas faculdades do pensamento e, enfim, novas estratégias de sobrevivência.

Os eventos culturais têm uma importância fundamental para a nossa vida. É, possivelmente, nesta altura tão particular que percebemos a falta que fazem a todos. Acompanhando as nossas emoções, estas atividades ajudam-nos a desenvolver novos pensamentos, novos raciocínios. Ora, aprendendo a participar em raciocínios interessantes e importantes, compreendemos melhor o passado e podemos olhar de forma diferente para o futuro. A cultura não contribui só para aumentar o prestígio de uma nação – a verdadeira razão é que, a longo prazo, estas atividades contribuem para o bem-estar e a “consciência do bem-estar”. E é exatamente em virtude dessa “consciência do bem-estar” – que não tem bases só económicas, mas sim uma riqueza cultural – que se funda e sustenta a maturidade política e social de um povo.

MASSIMO MAZZEO
Direção artística

7ª TEMPORADA DE MÚSICA DA PARQUES DE SINTRA – 2021
7TH PARQUES DE SINTRA MUSIC SEASON – 2021

Bilhetes à venda brevemente | Tickets soon available



Produção | Production



Apoio | Support



Media Partner



Parceiro Streaming | Streaming Partner

CherryBloom.pt